

**Mulheres, Mobilidade  
e Cidadania**

---

<b>Maria de Lourdes Pintasilgo</b>	As mulheres, a cidadania e a sociedade activa
<b>Mary N. Layoun</b>	A nação em transculturação: Mulher/Homem e cidadania
<b>Joanna Regulska</b>	A nova «Outra» mulher europeia
<b>Rosi Braidotti</b>	A diferença sexual e a cidadania europeia
<b>Françoise Gaspard</b>	Invisíveis, diabolizadas, instrumentalizadas: mulheres migrantes na Europa
<b>Fortunata Piselli</b>	Migrações: contributos da teoria das redes
<b>Louise Ackers</b>	Mulheres, mobilidade e autonomia na União Europeia
<b>Heloisa Perista</b>	Mulheres em diáspora na União Europeia
<b>Manuela Ribeiro</b>	Mulheres e emigração em regiões desfavorecidas

---

- dos movimentos de mulheres em Portugal, mostrando Maria José Magalhães (FPCE — Univ. Porto) que, a despeito da defesa da impossibilidade da sua conceptualização como um movimento social nos anos 70 e 80, esses movimentos tiveram um grande impacto no plano da extensão de oportunidades para as raparigas, quer na escola, quer no trabalho;
- da forma conflitual como formadores/as e futuros/as docentes, segundo os resultados do projecto de investigação PROCIMAS, encaram a definição de feminilidade e o papel das mulheres na sociedade;
- do modo de experienciar a cidadania, evidenciando Xavier Bonal, Xavier Rambla e Amparo Tomé (U: Autónoma de Barcelona) que os rapazes se ligam a um discurso mais ligado aos direitos políticos e as raparigas a um discurso que privilegia o bem comum;
- da questão das migrações, realçando Natércia Pacheco que no caso das mulheres-estudantes há uma sobreposição de género e de cultura no confronto entre a realidade em que se inserem e as representações que dela constróem.

*A masculinidade — as masculinidades:* A este nível foram marcantes duas linhas de reflexão decorrentes das intervenções de Sue Lees (Univ. North London) e de Miguel Vale de Almeida (ISCTE): a 'dominância de uma masculinidade hegemónica, prepotente e avassaladora, que oculta e exclui todos os modos possíveis de viver a masculinidade e a feminilidade; a conceptualização da masculinidade como uma construção socio-histórica.

No quadro desta temática foram ainda apresentadas as conclusões parciais do Projecto ARIANNE.

### 3. Conclusão

Um olhar de apreciação do conjunto do colóquio tem de congratular-se pela troca de experiências e de pontos de vista que foi possível acontecer ao longo do desenvolvimento dos trabalhos, bem como pela sua eventual contribuição para a promoção dos Estudos sobre as Mulheres e sobre o Género nas Ciências da Educação e, genericamente, nas Ciências Sociais, no horizonte da construção de «outros sentidos para novas cidadanias». ■

Fernanda Henriques  
Teresa Pinto

193

---

### Colóquio Internacional «*L'Histoire sans les femmes est-elle possible? Réflexion épistémologique et pluralité des approches*» (Ruão)

Por iniciativa da Faculdade de Letras e de Ciências Humanas da Universidade de Ruão (França), realizou-se nesta cidade, de 27 a 29 de Novembro de 1997, o Colóquio internacional *L'Histoire sans les femmes est-elle possible? Réflexion épistémologique et pluralité des approches*.

Vinte anos decorridos sobre os primeiros congressos que, um pouco por toda a Europa, se interrogavam «se a mulher tinha história», o tema afigurava-se provocador e aliciente. Coordenado por Anne-Marie Sohn, este Colóquio visava debater, numa perspectiva comparada, o contributo dos diversos campos de estudo para a compreensão da problemática do feminino, fazer o balanço da actual situação historiográfica

dos *women's studies* e simultaneamente apontar linhas de pesquisa.

Contando com a presença de investigadores de diversas nacionalidades (para além da francesa, alemã, austríaca, americana, canadiana, inglesa, japonesa, italiana, espanhola e portuguesa), o Colóquio desdobrou-se em três grandes sessões (*Écriture de l'histoire et construction des catégories; Innovations et confrontations et Transmission des savoirs*) subdivididas, por sua vez, em vários painéis. Sem pretender esgotar o assunto, foram abordadas problemáticas tão diversas como o papel das classes, dos sexos, do género, das raças e das etnias na história social e nas histórias nacionais, o conteúdo dos ensinamentos e formação dos docentes ou a interrelação entre as estruturas institucionais e as carreiras, entre tantos outros. Em cada sessão, as exposições apresentadas foram objecto de apreciação crítica por parte de um relator convidado, à qual se seguia um debate, por vezes bastante vivo, se não mesmo polémico. Foi, neste aspecto, particularmente acesa a discussão em torno da comunicação apresentada por Mary-Jo Bonnet («L'histoire des lesbiennes est-elle tabou?»), a qual, começando por afirmar a «solidão» e o «trabalho de censura exercido sobre a homossexualidade feminina», associaria à «invisibilidade historiográfica da sexualidade entre mulheres» a tomada de posições políticas ou militantes, o que levantou clamores por parte da assistência.

Ao longo dos três dias de trabalho foram apresentadas cerca de trinta comunicações, as quais, ressaltando o grande interesse da interdisciplinaridade nesta área de estudos, proporcionaram uma sugestiva história comparativa. No entanto, estas, na sua maioria, pecaram, em meu entender, por uma excessiva teorização, em detrimento do recurso às fontes históri-

cas. Ressalte-se neste domínio, pelo volumoso acervo documental utilizado, as comunicações apresentadas na secção «Vers une histoire de la masculinité», em particular as da autoria de Ute Frevert («Valeurs militaires et histoire du masculin en Allemagne au XIX<sup>ème</sup> siècle») e de Odile Roynette («Pour une histoire du masculin: signes et traces de la souffrance masculine dans les casernes du XIX<sup>ème</sup> siècle»). Partindo do princípio de que a «história do género não se deve apenas limitar à história do sexo feminino» mas que o «estudo da identidade masculina» pode ajudar a reformular o conceito de «feminilidade», estas autoras, tomando como base de pesquisa o serviço militar obrigatório no século XIX, apresentaram verdadeiros programas de trabalho «inovadores» e muito «prometedores», como os definiu Piera delle Belle.

A historiografia portuguesa esteve representada por Anne Cova, da Universidade Aberta (Lisboa) que, na sua comunicação intitulada «L'enseignement de l'histoire des femmes dans la péninsule ibérique», fez o balanço crítico do que de mais relevante se tem produzido em Portugal e em Espanha no âmbito da história das mulheres.

No decorrer do Colóquio teve lugar uma semana de cinema dedicada ao tema «Les femmes et le cinéma 1930-1950» e foi inaugurada, na Biblioteca Municipal de Ruão, a exposição temporária «Affaires de femmes».

Aguarda-se com expectativa a publicação das Actas deste importante Colóquio, o qual demonstrou, de uma forma inequívoca, a vitalidade da «história das mulheres». ■